



A TEOLOGIA FEMINISTA LIBERTADORA : DESLOCAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS

Luiza Etsuko Tomita¹

Introdução

Esta comunicação tem o objetivo de refletir sobre algumas questões que estão sendo levantadas pelas mulheres em busca de uma espiritualidade libertadora. Utilizando uma perspectiva feminista, vou apresentar os deslocamentos epistemológicos que as teólogas latino-americanas estão fazendo para orientar as mulheres em busca de novas práticas teológicas, mas também para emancipar mulheres dos setores populares como novos sujeitos teológicos.

As teologias da libertação na América Latina

A teologia cristã, como disciplina religiosa, esteve desde séculos, envolta em um invólucro de imutabilidade, de indiscutibilidade, de eternidade. Nos inícios do século XX, um novo panorama se abriu quando ela se permitiu sofrer a influência das ciências humanas, em especial da antropologia e da sociologia, passando por várias etapas ou até poderíamos dizer, por deslocamentos epistemológicos. Da teologia dialética (Karl Barth: 1919) à teologia política (Johann Baptist Metz e Karl Rahner:1965-1968), passando pela teologia existencial (Rudolf Bultmann:1941), chegamos à teologia da libertação na América Latina com o livro *Teologia da Libertação* do peruano Gustavo Guetierrez (1971). Os anos 70 se caracterizaram por uma rica produção teológica numa linha que foi chamada profética, por denunciar a exploração e marginalização de grandes massas na América Latina, revelando-se como uma forma de protesto ou de indignação ética frente a essa situação de “pecado social”. De acordo com Rosino Gibellini, a introdução da linguagem da “libertação” na teologia representou uma importante inovação lingüística, pois implicou em um deslocamento do eixo semântico da palavra “liberdade” e uma recuperação da força histórico-dinâmica da linguagem bíblica (1998: p.353).

¹ Professora de teologia sistemática no Instituto Pio XI, São Paulo. Membro do NETMAL /MANDRÁGORA– Núcleo de Estudos Teológicos da Mulher na América Latina. Secretária Executiva e Tesoureira de EATWOT – Ecumenical Association of Third World Theologians. Membro da SOTER – Sociedade de Teologia e Estudos da Religião, Brasil. Membro do Conselho Permanente do Fórum Mundial de Teologia e Libertação.



Teólogos latino-americanos como Gustavo Gutierrez, Hugo Assmann, Leonardo Boff e outros/as começaram a produzir uma teologia contextualizada desde o avesso da história, isto é, como um deslocamento epistemológico, ou um novo modo de fazer teologia.

Do ponto de vista acadêmico, alguns teólogos analisaram como o surgimento de novos paradigmas teológicos, outros consideraram que este fenômeno foi causado por uma crise epistemológica nas ciências humanas.²

Entretanto, para as teólogas, outros deslocamentos epistemológicos se faziam necessários para revelar a invisibilização e marginalização das mulheres nas igrejas. A perspectiva de gênero se constituiu num instrumental feminista que revelou não apenas as estruturas sexistas das instituições contemporâneas como também mostrou como as tradições religiosas cristãs teriam sido formadas no bojo do patriarcado romano, marginalizando as mulheres dos espaços de poder nas igrejas, impedindo-as de receber a ordenação sacerdotal assim como quaisquer cargos significativos na hierarquia eclesial.

No hemisfério norte, uma situação específica era observada desde os anos 50 do século XX: o fenômeno do secularismo parecia ter se tornado uma tendência irreversível, de acordo com Karen Armstrong (2001: p.10). Nos meios acadêmicos circulava a idéia de que o mundo ocidental estava fadado a nunca mais acreditar em religião e que a fé jamais voltaria a ser uma força propulsora de fatos históricos marcantes. O racionalismo parecia dominar de tal forma as consciências no ocidente que a religião parecia destinada ao desaparecimento ou a se restringir ao âmbito privado e doméstico. Entretanto, pelos anos 70 uma revivescência religiosa passou a ser observada, como uma reação a essa hegemonia do secularismo. A religião, em suas várias manifestações, voltou a se fazer sentir tão poderosa em todo o planeta, que se tornou impossível ignorar sua força. O fundamentalismo foi uma das formas mais marcantes dessas manifestações religiosas, a partir do terceiro quarto do século XX, mostrando-se como uma reação contra a cultura científica e secular que nasceu no Ocidente e depois se espalhou para outras partes do planeta.

Entre o secularismo e o fundamentalismo religioso, hoje o catolicismo se debate em uma crise existencial, tendo em vista sua postura intransigente quanto a novas questões sociais surgidas com o advento de tecnologias avançadas em vários setores das ciências, como no da reprodução humana, e sua resistência em aceitar novas práticas sexuais ou novas orientações sexuais que não sejam direcionadas à reprodução.

² (cf artigos em *TEOLOGIA ABERTA AO FUTURO*, SOTER/Loyola, São Paulo: 1997)



Atualmente, o debate sobre a crise das religiões nos remete para o estudo do pluralismo religioso ou do diálogo inter-religioso através do qual percebemos que um número significativo de teólogos da libertação já consideram pertinente a produção de uma teologia supraconfessional. O debate iniciado em 2002 com a coleção “*Pelos muitos caminhos de Deus*”³ sobre o Pluralismo Religioso, abriu muitas perspectivas a esse respeito. O último livro⁴, em especial, onde escreveram não apenas teólogos cristãos, mas também teólogos hindus, budistas, muçulmanos, judeus, mostra que o horizonte teológico dos teólogos e teólogas hoje é muito mais amplo que há dez anos atrás.

Teologia feminista da libertação

Nós, mulheres teólogas, já estamos produzindo uma teologia supraconfessional há várias décadas, conforme é possível verificar no testemunho de teólogas em artigo de minha autoria publicada no ano de 2003⁵.

Desde o final dos anos 80, a metodologia da Teologia da Libertação de teologizar a partir da práxis histórica e fazendo uma opção pelos pobres, tem inspirado várias teólogas do hemisfério norte, como Elisabeth Schüssler Fiorenza, Rosemary Radford Ruether, Rita Nakashima Brock, Mary Hunt e muitas outras, com uma novidade: elas utilizam também o método da desconstrução das ideologias patriarcais. Este método tem sido muito importante para mostrar que a maioria dos ensinamentos cristãos foram baseados em uma perspectiva patriarcal, onde os homens têm todo o poder e às mulheres restava ocupar o segundo ou o terceiro lugar nas igrejas e no lar. Assim, foi imposta a idéia da masculinidade de Deus, subjacente aos ensinamentos doutrinários, a filiação divina única de Jesus, um varão, o conceito de masculinidade presente nas três pessoas da Trindade Divina, a idéia da virgindade de Maria de Nazaré e várias outras ideologias sexistas.

O método da desconstrução dos dogmas doutrinários foi o primeiro grande passo utilizado pelas teólogas feministas para revelar as estruturas patriarcais sexistas das religiões cristãs no ocidente. Já no final do século XIX, teólogas coordenadas por Elizabeth Cady Stanton fizeram uma interpretação feminista da Bíblia (*The Women's Bible*, 1895). No final dos anos 70 do século XX estudos sistemáticos da tradição cristã começaram a ser publicados com muito entusiasmo no hemisfério norte. Elisabeth Schüssler Fiorenza fez uma reconstrução feminista do discipulado de

³ Coleção elaborada pela Comissão Teológica Latino americana de EATWOT (Ecumenical Association of Third World Theologians), também conhecida como ASETT (Asociación Ecueménica de Teólogos da América Latina).

⁴ VIGIL, José Maria. (Org) *Por los Muchos caminos de Dios V: Hacia una teología planetaria*. Abya Yala. 2010.

⁵ TOMITA, Luiza E. *A contribuição da Teologia feminista da Libertação para o debate do Pluralismo Religioso* in *Pelos muitos caminhos de Deus: Desafios do pluralismo religioso à Teologia da libertação*, Rede: Goiás, 2003: 108-119.



Jesus, Phillis Tribble fez uma releitura dos textos de terror na Bíblia, Sally Mc Fague e outras construíram novas metáforas sobre Deus, Rosemary Radford Ruether escreveu sistemáticos estudos sobre o patriarcado bíblico, enquanto Beverly Harrison e outras produziram escritos sobre Ética feminista.

Na América Latina as teólogas começaram a escrever nos anos 80, como um setor da própria teologia da libertação, fazendo uma opção pelos pobres. As mulheres eram um dos segmentos dos grupos marginalizados e se consideraram, a princípio, vítimas de um sistema econômico-político que gerava assimetrias. Esta foi a fase da vitimização. Algumas teólogas, contudo, acharam que, como novos sujeitos da história, não se sentiam confortáveis como vítimas e passaram a buscar as heroínas da Bíblia, como Débora, Mirian, Ester, as discípulas de Jesus como Madalena, Marta e Maria e outras. Mas logo veio a auto-crítica: era, sem dúvida, importante conhecer a história passada, reescrever a história a partir da ótica das mulheres, mas, mais que isso, percebeu-se que a história das mulheres contemporâneas deveria ser interpretada de uma forma nova, reconstruída, enfim, com categorias epistemológicas críticas.

A antropologia e as ciências sociais nos apresentaram a categoria de gênero que pôs em evidência as relações sociais e ajudou a desconstruir as relações de poder entre mulheres e homens também na religião. Na teologia feminista latino-americana essa nova categoria de análise social contribuiu para revelar a experiência subalterna das mulheres nas religiões cristãs. A teologia da libertação já havia focado a experiência humana como ponto de partida do fazer teológico. A teologia feminista apontou a experiência das mulheres como o ponto de partida da reflexão teológica, considerado por Rosemary Radford Ruether como elemento epistemológico de fundamental importância. A novidade encontrava-se no fato de esta experiência ter sido quase que exclusivamente excluída da reflexão teológica. Para Ruether ela se revelava, portanto, como força crítica ao demonstrar que a teologia clássica tinha a experiência dos homens como normativa. (Ruether (1993: 18-19)

Para Schüssler Fiorenza, o simples fato de colocar a experiência e a subjetividade das mulheres no centro da pesquisa intelectual questionava as estruturas teóricas de todas as disciplinas acadêmicas. Esta era uma revolução científica ou mudança de paradigma, passando de uma cosmovisão androcêntrica para uma compreensão feminista do mundo, da cultura humana e da história. (1995: 286). Para esta teóloga, a principal abordagem feminista deve ser comprometida, *buscando refletir teologicamente sobre a alienação, a dor e a opressão das mulheres católicas que,*



a despeito da desesperança, aceitaram compartilhar da sorte do povo de Deus e consideram-se feministas cristãs. Seu objetivo é o empoderamento das mulheres. (1998: 47).

Vale notar que hoje o enfoque teológico sobre a experiência das mulheres não está centrado na experiência de um grupo único de mulheres, mas é baseado num olhar pluralista, multiétnico, multicultural. O pós-modernismo tem colocado o pluralismo como um desafio para a epistemologia. Em toda parte escritoras e pesquisadoras feministas (cf King: 1993) estão descobrindo e revelando a pluralidade de experiências de mulheres, assim como suas múltiplas ramificações e interconexões. Mulheres negras, brancas, ricas, pobres – todas partilham de uma alienação fundamental de si mesma, mas há muitas diferenças entre suas experiências. A diversidade dos métodos utilizados para revelar essa multiplicidade de experiências fala dos diferentes caminhos trilhados por cada grupo específico na busca de uma epistemologia própria. Vozes de mulheres de Igreja estão vindo do Terceiro Mundo denunciando a negação das diferenças - e o racismo inerente – por parte do movimento feminista branco. Elas esclarecem sobre o extraordinário pluralismo e a rica textura das vidas das mulheres. As vozes das mulheres negras e latinas têm se feito ouvir consideravelmente nos Estados Unidos. Vozes também chegam de mulheres da África, da Ásia, da América Latina. (King: 1993, 57-64).

A Teologia Feminista tem aplicado as categorias teológicas tradicionais à experiência das mulheres, que não é homogênea, mas plural, multicultural, pluriétnica. Denunciando a situação de opressão das mulheres no contexto do patriarcado, as feministas procuram analisar as situações de injustiça social, de sexismo, de racismo, propondo estratégias para superá-las. Do ponto de vista metodológico, entendemos que o nosso lugar social determina nossa interpretação do que é a experiência das mulheres. A forma de apreender o mundo, de interpretar a realidade, é determinada pelas intersecções de gênero, raça, classe, idade e orientação sexual. É por esse motivo que estamos nos confrontando com tantas formas de teologias feministas, como as da Ásia, da América Latina, da África. E até mesmo de teologias que fazem reivindicações feministas, mas que preferem chamar-se *Mujerista* ou *Womanist*⁶.

Depois dos primeiros estudos bíblicos, vários foram os temas de teologia sistemática escolhidos pelas teólogas feministas, que procuraram desconstruir o patriarcado, o cotidiano, a violência contra as mulheres, em todas as suas manifestações. Mais recentemente, o corpo e a

⁶ *Womanist* é uma denominação criada pela escritora *womanist* Alice Walker, que as feministas negras dos EUA se atribuíram a si próprias. Teólogas como Katie Cannon e Jacqueline Grant assumiram e desenvolveram o conceito “*womanista*” como um quadro de referência teológica. (Dicionário de Teologia Feminista. Petrópolis: Vozes, 1997, 547-548). *Mujerista* é um termo utilizado por teólogas latinas nos Estados Unidos como Ada Maria Isássi-Díaz para se auto denominarem como teólogas feministas num contexto latino.



sexualidade foram apontados como temas contemporâneos fundamentais para o desenvolvimento de uma teologia feminista libertadora, pois é o que de mais material existe no cotidiano e na experiência das mulheres. Além disso, esses temas nunca foram abordados pelos homens, que se preocuparam mais com o nível do debate intelectual, metafísico das ciências teológicas e também porque falar de sexualidade é entrar numa área minada, visto que o Vaticano proíbe o casamento e as relações sexuais para os sacerdotes católicos. A teologia produzida pelos homens prefere, portanto, abordar os temas metafísicos, considerados “sérios”, em relação aos temas que soam secundários, como o do corpo, do cotidiano. Sob o ponto de vista iluminista, as questões do cotidiano como família, casamento, filhos, corpo, são de importância secundária em relação aos temas metafísicos, prioritários para o racionalismo cartesiano.

Teologia feminista, corpo e sexualidade; deslocamentos epistemológicos: das questões metafísicas para a materialidade do cotidiano

Várias são as teólogas que abordaram o tema do corpo e do cotidiano, como Ivone Gebara, Ada Maria Isássi-Díaz, Lisa Isherwood, mas a teóloga que mais despertou minha atenção por sua criatividade e ousadia foi uma teóloga argentina (infelizmente falecida no ano passado), Marcella Althaus-Rheid, que nos informou claramente sobre os deslocamentos epistemológicos que o corpo e a sexualidade podem representar para uma teologia feminista subversiva.

Esta teóloga procurou nos mostrar, de forma incisiva, a articulação entre sexualidade, economia e poder e como a religião tem servido para mascarar, mistificar a realidade das mulheres pobres, através de uma teologia “decente”. Althaus-Rheid tem como ponto de partida de sua reflexão a experiência de mulheres pobres urbanas de seu país. Ela fez uma metáfora sobre o que é decente e indecente na teologia, ao focar as vendedoras de limões nas ruas de Buenos Aires, mulheres de tradição indígena, com seus vestidos longos e que, num costume milenar, não usam calcinhas. Ela utilizou a idéia do sexo escondido ou exposto, através da imagem das calcinhas. Ela procurou demonstrar a diferença entre fazer teologia com calcinhas ou sem calcinhas, isto porque, para ela, teologizar é uma atividade sexual e política, ao mesmo tempo. Althaus-Rheid, enquanto teóloga, afirmou querer *remover suas calcinhas para escrever teologia com honestidade feminista, sem esquecer o que é ser mulher quando estiver tratando com categorias políticas e teológicas.* (2000: 2)



Desta forma, ela estaria fazendo uma Teologia Indecente, como uma *teologia que problematiza e desnuda*⁷ *as camadas míticas de opressão múltipla na América Latina, uma teologia que, encontrando seu ponto de partida nos cruzamentos da Teologia da Libertação e no Pensamento Gay, refletiria sobre a opressão econômica e teológica com paixão e imprudência.* (2000: 2)

Assim, a Teologia Indecente de Althaus-Rheid questionou o campo de decência e da ordem tradicional latino-americana que permeia e apóia as estruturas múltiplas – eclesiológica, teológica, política e amorosa – da vida em todo o continente latino-americano. Sua perspectiva incluiu também a visão de mulheres lésbicas, através de uma crítica à heterossexualidade definida pelo sistema patriarcal como normativa.

Para ela, o instrumental de análise supostamente materialista dos teólogos da libertação era insuficiente para perceber a vida – e a miséria – das mulheres pobres rebeldes que não usam calcinhas. Sua teologia poderia ser considerada como *materialista concreta pois compreende que o deslocamento das construções sexuais vão de mãos dadas com estratégias para a deslocação de agendas políticas e econômicas hegemônicas.* (2000: 6)

Para a mudança de paradigmas, através de deslocamentos epistemológicos apropriados. Althaus-Rheid falou de subversidade, postulando o desnudamento das construções patriarcais. Ela procurou demonstrar como a heterossexualidade, como modelo de sexualidade imposta, tem um caráter político, excluindo aquelas/aqueles que, por sua homossexualidade ou rebeldia, não se adéquam à normatividade masculina. A homossexualidade seria uma crítica contundente à sexualidade dirigida à procriação, sexualidade esta apoiada por uma antropologia androcêntrica e sexista.

Althaus-Rheid fez críticas contundentes à normatividade imposta pela teologia tradicional androcêntrica. Para ela, a “decência” do sistema encontra-se numa rede de autorização e censura que rege e regula como as pessoas devem se comportar, vestir-se, falar, suas atividades sexuais, etc. E o valor das mulheres, seria determinado pelos mercados econômicos do casamento, de acordo com o sistema de decência latino-americana. (2000: 27)

À guisa de conclusão, volto à questão levantada no início desta comunicação: penso que é importante ressaltar que muitas mulheres, frente ao sexismo e autoritarismo dentro das igrejas, se afastaram destas, pois não se sentem mais atraídas para os cultos tradicionais, onde um homem,

⁷ Utilizamos o verbo “desnudar” para traduzir “to undress” no sentido dado pela autora, de “tirar a roupa”, que ela utiliza várias vezes em diferentes situações, mas é bastante significativo para o contexto que ela cria, onde contrapõe sucessivamente sexualidade/religião/poder/mistificação/decência/honestidade.



ocupa a presidência e fala sozinho, sem direito a comentários ou contestações por parte da assembléia, onde se debatem temas metafísicos, onde as mulheres se sentem deslocadas, pois a fala, um monólogo, gira em torno de questões abstratas, de um Deus longínquo e inatingível, todo poderoso, onisciente, onipresente, como se não possuíssemos um corpo.

Muitas mulheres me perguntam o que eu acho de Deus (masculino ou feminino ou neutro?) e como participar de uma espiritualidade encarnada na vida de mulheres e homens que gostariam de vivenciar o mistério da vida em comunidade.

Sobre isso lembro que, no final dos anos 70 do século passado, um grupo de teólogas do hemisfério norte, lideradas por Merlin Stone, começaram a teologizar a partir de metáforas femininas da divindade, baseadas nas recentes descobertas antropológicas sobre divindades femininas, conforme escritos de Riane Eisler e Marija Gimbutas. Apareceram livros como *When God was a Woman* de Merlin Stone (1976); *The Spiral Dance: A Rebirth of the Ancient Religion of the Great Goddess* de Charlene Spretnak (1979) e muitos outros. Este tipo de teologia teve bastante influência sobre as teólogas feministas do hemisfério norte até os anos 90.

Em 1982, a teóloga Elisabeth Schüssler Fiorenza propôs uma Ekklesia de mulheres, onde as mulheres poderiam vivenciar uma espiritualidade cristã feminista enraizada herdada do movimento de Jesus onde as mulheres também foram discípulas, apóstolas e evangelizadoras (1992, pp.383 – 392).

Novas metáforas sobre a divindade, sobre o sagrado, sobre as formas de viver a espiritualidade podem fazer a diferença, ao realizar deslocamentos que geram mudanças, como o empoderamento das mulheres populares, por exemplo. Nos meios populares, as mulheres vivem muitas situações de violência de gênero, em seu cotidiano, em seu corpo, em seus relacionamentos.

Lembro-me da surpresa e da felicidade de muitas mulheres da zona leste de São Paulo quando, em pequenos seminários sobre religião e gênero, quando eu falava sobre o papel das mulheres na Bíblia e da atuação emancipadora de Maria. O ponto alto era falar sobre a virgindade construída de Maria, de como as palavras *virgo* (latim) e *parthénos* (grego)⁸⁹ foram traduzidas como virgem e utilizadas para construir uma mulher intocável, de forma a mostrar uma mulher “perfeita” (virgem e mãe ao mesmo tempo), inatingível para as mulheres, pois só assim seria possível mantê-las em seu papel secundário e de minoridade dentro das igrejas.

⁸ *Virgo* e *parthenos* significam mulher jovem; *virgo intacta* é que significa virgem.

⁹ *Teologia feminista, corpo e sexualidade; deslocamentos epistemológicos: das questões metafísicas para a materialidade do cotidiano*



Pensar o corpo e a sexualidade de forma positiva, feminista, pode ocasionar deslocamentos epistemológicos que visam levar a práticas transformadoras, emancipando mulheres que sempre ouviram as histórias bíblicas do ponto de vista masculino, numa perspectiva patriarcal e repressora.

Atualmente as teólogas concordam que uma Ekklesia de Mulheres não seria a solução para as mulheres que querem vivenciar sua fé de uma forma libertadora. Particularmente acho que devemos mudar as estruturas das igrejas cristãs que existem, possibilitando às mulheres presidir o culto de forma autônoma. O caminho parece longo, mas a meta não é impossível.

BIBLIOGRAFIA

ALTHAUS-REID, Marcella. *Indecent Theology.* Theological perversions in sex, gender and politics. London: Routledge, 2000.

ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus.* O fundamentalismo no Judaísmo, no Cristianismo e no Islamismo. Companhia das Letras, São Paulo, 2001.

KING, Ursula. *Women and Spirituality.* Voices of Protest and Promise. 2nd Edition. The Pennsylvania S. Univ. Press, 1993.

GIBELLINI, Rosino *A Teologia do Século XX.* Loyola São Paulo, 1998.

RUETHER, Rosemary Radford. *Sexismo e Religião.* Rumo a uma teologia feminista. São Leopoldo, RS: Sinodal, 1993.

SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *As Origens Cristãs a Partir da Mulher.* Uma Nova Hermenêutica. São Paulo: Ed. Paulinas, 1992.

_____. *Discipulado de Iguais: uma Ekklesia-logia Feminista Crítica da Libertação.* Trad. Yolanda S. Toledo. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. *Sharing her Word. Feminist Biblical Interpretation in Context.* Boston: Beacon Press. 1998.